

ANA PAULA SANTOS ANDRADE

**Entre as Diretrizes e a Prática: reflexão sobre a aplicação
do Mini-curso de Iniciação a Linguagem Cênica para
professores de Artes do município de Campos Belos – GO.**

BRASÍLIA, 2012

ANA PAULA SANTOS ANDRADE

**Entre as Diretrizes e a Prática: reflexão sobre a aplicação
do Mini-curso de Iniciação a Linguagem Cênica para
professores de Artes do município de Campos Belos – GO.**

Trabalho de conclusão do curso de
Artes Cênicas Licenciatura, do
Departamento de Artes Cênicas do
Instituto de Artes da Universidade de
Brasília.

Orientadora: Prof. Dr. Luciana
Hartmann.

BRASÍLIA, 2012

Agradecimentos

Aos queridos Mestres do Departamento de Artes cênicas da Universidade de Brasília, que ao compartilharem seus saberes, contribuíram e engrandeceram meu processo de formação: Felícia Johansson, Márcia Duarte, Luciana Hartmann, Fernando Villar, Simone Reis, Nei Cerqueira, Roberta Matsumoto e Jesus Vivas.

A minha família por todo o amor, dedicação e compreensão sem os quais tudo seria muito difícil. Em especial a minha mãe – Maria Odete - e meu Irmão – Fabrício – por todo o apoio.

Ao “Teatro Fênix” por proporcionar o encontro com a Arte teatral e com minhas irmãs de alma, amigas e grandes incentivadoras dessa proposta: Luanna Beltrão, Mayara Araújo e Jaqueline Quintanilha.

A república 101: Luana, Rita, Gi, Arthur e Laís por toda compreensão e pelos momentos extraordinários já compartilhados. Em especial à:

Luana Lima por sua companhia, conselhos, carinho e contribuições ímpares prestadas a esse trabalho. E, Rita Cruz pela amizade, companheirismo e bom humor compartilhado nas madrugadas de estudo.

Às eternas brejeiras de minha vida – Cleide, Rita, Isumy, Pamela, Bárbara e Ramayana que imprimiram em todo esse tempo de graduação uma presença e carinho de família.

Aos amigos artistas que fizeram cinco anos passarem com muito aprendizado, parcerias, conquistas, sonhos e alegrias: Albert Carneiro, Rita Cruz, Nitiel Fernandes, Pamela Alves, Izabela Parise, Cleide Mendes, Isumy Kudo, Bárbada Firmiano, Giselle Ando, Alisson Araújo, Nina Orthof e Ramayana Regis.

Agradeço desde já, desde já agradeço aos que tentam e jamais se conformam.

Dedicatória

À minha Mãe, inspiração de minhas conquistas e companheira de toda vida: Maria Odete Andrade, meu melhor sinônimo de amor e dedicação.

A meu Pai - Valdeci Monteiro (in memoriam) que fez do pouco tempo, eternas lembranças.

Ao seu Pedro Caliolando e a dona Maria Andrade, os avós mais queridos que podia ter.

Aos Professores de Boa Vontade - Eliene Pereira, Raimundo Nonato, Vera Lúcia Leite, Fernanda Oliveira, Raimunda Santos, Doriane Tolentino, Rosália Teixeira, Leide Oliveira, Carmem Souza, Josenice Machado, Luciene Carmo, Iara Marques, Rosilane Santos, Sueli Santos, Maria Santos, Karoline Marques, Maria Josuene Ferreira, Ana Reis, Domingos Santos e Marta Maria Gonçalves.

“De repente, a vida começou a impor-se, a desafiar-me com seus pontos de interrogação, que se desmanchavam para dar lugar a outros. Eu liquidava esses outros e apareciam novos”.

Carlos Drummond de Andrade (1930)

Resumo

O presente trabalho teve por objetivo refletir sobre o processo de aplicação do Mini-curso de Iniciação a Linguagem Cênica para professores de Artes do município de Campos Belos/Goiás. Criado para possibilitar um espaço de prática teatral e reflexão sobre o ensino de arte-educação na cidade, o mini-curso ocorreu no período de 14 a 18 de novembro de 2011. Por meio da realização de entrevistas com os docentes de Artes do município e da análise das Orientações Curriculares do Estado foram recolhidos dados para elaboração do curso. A proposta apresentou aos educadores da cidade jogos utilizados por Viola Spolin, Augusto Boal e pelo Projeto de Extensão “Teatro de Mentira”¹. O mini-curso aplicado foi o primeiro realizado na cidade a abordar a linguagem teatral e seu processo de realização evidenciou a relevância da prática teatral para o melhor desempenho do professor de Artes/Teatro em sala de aula.

Palavras chaves: Arte-educação, Formação e Prática teatral.

¹O projeto Teatro de Mentira: composição dramática em farsa contemporânea é realizado no Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília sob a coordenação da Prof. Dr. Felícia Johansson.

Sumário

Introdução

Cap. 01: Diretrizes e Prática.....10

1.1_ Institucionalização do Ensino de Teatro no Brasil: as questões do meio do caminho.....10

1.2_ Especificidades do Ensino de Artes no Estado de Goiás: a Ciranda da Arte.....15

1.3_ Campos Belos um Município Goiano: entre os professores da escola.....20

Cap. 02: Elaboração do Mini-curso.....24

2.1_ O mini-curso.....24

2.2_ Seleção de Conteúdos: montando o mini-curso.....26

2.3_ Acordos e Parcerias.....29

Cap. 03: Indo a Campos: aplicação do Mini-curso.....30

3.1_ Os Professores de Boa Vontade.....32

3.2_ Arrastando cadeiras: prática e troca de saberes.....34

3.3_ Uma viagem além da zona de conforto42

Considerações Finais

Referências

Apêndices

Introdução

O presente trabalho ancora-se no desejo de proporcionar um retorno e contribuição a uma localidade que teve grande importância para o meu envolvimento com a prática teatral. Berço de experimentos e anseios artísticos, foi na cidade de Campos Belos, local de realização desta pesquisa, que iniciei juntamente com um grupo de amigos o que denominamos “Teatro Fênix”. O grupo surge em 2001 e de forma amadora, iniciante, sonhadora e adolescente o Teatro escolar se tornou independente, realizando durante um bom tempo seus projetos pela cidade.

A turma, no entanto, cresceu, e assim como tantos que residem no município, saiu dele para dar seqüência ao seu processo de formação. Entretanto, com raízes na cidade as férias são sempre motivos para retornar e rever parentes e amigos da infância. E, foi em meio a esses incansáveis passeios que a pequena movimentação artística da cidade tornou-se cada vez mais evidente aos meus olhos.

Assim sendo, a proposta de elaboração do mini-curso “Iniciação a Linguagem Cênica”, iniciada na disciplina Seminário Interdisciplinar², se tornou um meio para desempenhar um trabalho com as Artes Cênicas na cidade. Durante a disciplina entrei em contato com integrantes de antigos grupos teatrais do município. E, através de conversas realizadas, foi verificada que a prática teatral desses integrantes se iniciou em escolas e/ou igrejas da cidade.

Dessa forma, sob a orientação da Prof. Dr. Luciana Hartmann, da Universidade de Brasília, optei por ofertar o mini-curso para os professores de Artes do município. Ao trabalhar com os docentes de Artes da cidade, não só realizaria o retorno desejado, como também contribuiria para a formação continuada dos educadores. Além disso, a escolha desse público alvo potencializaria o caráter multiplicador esperado para o trabalho, visto que, diante da atuação de cada professor, seus respectivos alunos entrariam em contato com os conteúdos aplicados no mini-curso.

Assim sendo, esta pesquisa diz respeito a todo o processo de organização, prática e reflexão sobre os resultados e possíveis impactos do mini-curso de Iniciação a

² Realizada no 1º semestre de 2011 na Universidade de Brasília (UnB), a disciplina Seminário Interdisciplinar foi ministrada pela Prof. Dr. Roberta Matsumoto.

Linguagem Cênica para os professores de artes do município de Campos Belos - GO, aplicado no período de 14 a 18 de novembro de 2011.

O capítulo 1 – Diretrizes e Práticas – expõe de forma breve como ocorreu à legalização do ensino de artes no Brasil. A partir da exposição desse quadro histórico, procuro compreender quais os impactos desse processo no ensino de Artes no Estado de Goiás, e mais precisamente na cidade de Campos Belos. Relato ainda algumas opiniões dos professores do município sob as condições do ensino de artes na cidade, importantes para o conhecimento da realidade/necessidade dos educadores.

O capítulo 2 – Elaboração do Mini-curso – traz o planejamento para aplicação do mini-curso, abarcando desde a escolha de seus conteúdos a definições de datas, horários e o lugar de sua realização.

No capítulo 3 – Indo a Campos: aplicação do mini-curso – Exponho um relato detalhado dos desafios, surpresas, percepções e reflexões sobre a aplicação do mini-curso para os professores de artes da cidade de Campos Belos. Este projeto foi diretamente ligado a disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Cênicas II, de modo que neste último capítulo encontram – se ainda relatos da experiência de dar aulas.

Capítulo 01: Diretrizes e Práticas

Em meio aos planos de institucionalização e sistematização do ensino de artes no Brasil, muitas foram as medidas tomadas para que a arte-educação alcançasse excelência em seu ensino. Sob uma reflexão que parte do âmbito nacional até a situação específica do ensino de artes na cidade de Campos Belos/Goiás, este capítulo busca uma compreensão de como ocorreu à inserção da disciplina de artes no currículo escolar, a fim de verificar os impactos decorrentes da formalização deste ensino no Estado de Goiás e em seu município, Campos Belos.

1.1_ Institucionalização do ensino de Artes no Brasil: as questões do meio do caminho.

A inclusão do ensino de Teatro e das demais linguagens artísticas nas escolas brasileiras engrandeceu as discussões acerca da sua importância para a formação do ser, bem como da relevância de seu ensino em sala de aula. Estes debates não findaram, sendo grande ainda o número de pesquisas que se dedicam a investigar, justificar e documentar o valor educativo do Teatro e da presença de seu ensino em sala de aula. Apesar de a prática teatral datar de séculos atrás, seu reconhecimento como uma área do conhecimento é recente, fator este que demanda da área um maior esforço em pesquisas, formulações e reformulações metodológicas para a prática da disciplina nas escolas.

Problemas como o uso da disciplina de Artes/Teatro limitado à ferramenta de auxílio as demais áreas do currículo escolar e a ausência de profissionais especializados ou qualificados para a educação em Artes são dificuldades que antecedem a institucionalização de seu ensino no país, e ainda se constituem preocupações para a educação em Artes na atualidade. A partir da leitura da obra de SANTANA (2009) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs/ARTES 1997/1998/2006) percebe-se em seus conteúdos referências que colaboram para o entendimento do histórico das preocupações acima mencionadas.

Segundo Santana (2009), a gênese do ensino artístico deu-se formalmente em 1816, com a criação da Escola de Ciências, Artes e Ofícios e da Academia Imperial de Belas-Artes, ambas na cidade do Rio de Janeiro. Isso, no entanto, não significou uma presença homogênea de todas as linguagens artísticas na educação, obtendo a Música e as Artes Visuais uma participação mais expressiva do que as Artes Cênicas, que só atingiriam maiores avanços décadas adiante.

As primeiras inserções do ensino de Teatro na educação básica ocorreram com sua representação nas escolas através de encenações em datas comemorativas do calendário escolar e nacional, tais como dia das mães, representações de peças para solenidades ou ainda encenações que visavam o desenvolvimento de valores cívicos e morais. Não somente o Teatro sofreu com um uso reduzido de suas competências e habilidades, mas também as demais expressões artísticas que eram abordadas sob um caráter mais utilitário.

De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006), a situação começa a tomar novos rumos por volta de 1940 com a propagação do ideário do movimento Escola Nova³. A rápida expansão da Escolinha de Arte do Brasil, criada por Augusto Rodrigues em 1948 e suas parcerias realizadas com as Secretarias de Educação e órgãos públicos, renderam as linguagens artísticas a presença no currículo da educação básica como Atividade Expressiva, através da implantação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1961. Os artistas do Teatro encontraram na escolinha um espaço para desenvolvimento de suas práticas, embora esta fosse em sua maioria voltada para as Artes Visuais.

O fato de as Artes Visuais estarem mais presente no meio educacional, não significa dizer que não existiam nos períodos mencionados manifestações de ensino do Teatro. O que se pode constatar é que sua presença no campo da educação formal não fora tão ativa quanto às Artes Plásticas. No entanto, no final da década de 30 foi criado o Curso Prático de Teatro do Sistema Nacional de Teatro (SNT). Em 1948 surge a Escola de Arte Dramática de Alfredo Mesquita, bem como surgiram ao longo desse

³ Nessa tendência teórico-metodológica, o ensino centra-se no aluno, sendo a arte utilizada para a liberação emocional, o desenvolvimento da criatividade e do espírito experiencial na solução de problemas. (BRASIL, Ministério da Educação. Orientações curriculares para o ensino médio – linguagens, códigos e tecnologias – conhecimentos de arte. Brasília: MEC/SEB, 2006, pp. 171)

espaço de tempo em todo o país demais escolas com esta finalidade, porém sua maioria em espaços informais de ensino.

As escolinhas de arte foram importantes tanto para a presença do ensino de Artes no país quanto para sua profissionalização. Ao expandir seus estudos para os adultos essa se concretizou como única instituição habilitada para a formação de arte-educadores, permanecendo assim até a mudança da LDB, em 1971.

Apesar de sua crescente inserção no conteúdo escolar somente com a mudança da LDB 5692/71, o ensino de Artes/Teatro passa a ser obrigatório nas escolas, figurando no currículo como subárea da educação artística. Uma conquista, entretanto pouco exequível face aos moldes em que esta fora implantada.

A introdução da Educação Artística no currículo escolar foi um avanço, principalmente pelo aspecto de sustentação legal para essa prática e por considerar que houve um entendimento em relação à arte na formação dos indivíduos. No entanto, o resultado dessa proposição foi contraditório e paradoxal. Muitos professores não estavam habilitados e, menos ainda, preparados para o domínio de várias linguagens, que deveriam ser incluídas no conjunto das atividades artísticas (Artes Plásticas, Educação Musical, Artes Cênicas). (Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais – III e IV Ciclos/arte. Brasília: SEB-MEC, 1998. pp. 26).

O ensino polivalente das Artes defendido pela nova lei previa que os professores tivessem o domínio de todas as linguagens artísticas cabendo-lhes o ensino das mesmas. Neste ponto da história, os educadores disponíveis para o ofício eram em sua maioria os recém formados na área (um relevante percentual em Artes Visuais) e professores com formação nas demais áreas do conhecimento, procurados devido à carência de profissionais habilitados no campo artístico para preenchimento da demanda ocasionada com a nova lei.

A obrigatoriedade do ensino de Artes na escola básica apresentou necessidades como a formação de docentes habilitados para lecionar a disciplina e acarretou problemas como a diminuição da qualidade do ensino das linguagens artísticas. Seus saberes e especificidades foram reduzidos a propostas de atividades que integrassem Artes Plásticas, Música e Artes Cênicas, sem o devido aprofundamento dos saberes contidos em cada área.

Segundo Santana (2009), em 1970 não existiam mais de 30 cursos superiores nas diversas linguagens artísticas, sendo quase todos em âmbito de Bacharelado, e em sua maioria de Artes Plásticas. Diante da falta de profissionais devidamente habilitados, o

Serviço Nacional de Teatro (SNT), as Escolinhas de Arte do Brasil, a Escola de Arte Dramática de Alfredo Mesquita, Secretarias de Educação dos Estados e Municípios, dentre outras instituições pioneiras passaram a realizar cursos rápidos com o propósito de habilitar os professores.

As próprias faculdades de Educação Artística, criadas especialmente para cobrir o mercado aberto pela lei, não estavam instrumentadas para a formação mais sólida do professor, oferecendo cursos eminentemente técnicos, sem bases conceituais. Desprestigiados, isolados e inseguros, os professores tentavam equacionar um elenco de objetivos inatingíveis, com atividades múltiplas, envolvendo exercícios musicais, plásticos, corporais, sem conhecê-los bem, que eram justificados e divididos apenas pelas faixas etárias. (Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Ensino Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. pp. 24)

Os professores passam a atuar em todas as áreas artísticas, independentemente de sua formação e habilitação. Conhecer mais profundamente cada uma das modalidades artísticas, as articulações entre elas e conhecer artistas, objetos artísticos e suas histórias não faziam parte de decisões curriculares que regiam a prática educativa em Arte nessa época. (Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Ensino Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. pp. 24)

A nova lei expôs problemas, contudo, gerou uma movimentação considerável para o processo de fortalecimento da institucionalização e pesquisa no campo da arte-educação. A obrigatoriedade do ensino desencadeou a criação de cursos de Licenciatura em Educação Artística no país, emergindo o debate sobre alfabetização estética, experimentação artística, desenvolvimento do trabalho pedagógico e das pesquisas em Artes. Assim, começaram a surgir os congressos, encontros, associações, comitês, formas de organização e pesquisa que tiveram participação significativa nas consolidações e conquistas da área na década de 90.

No início dos anos 90 em função das discussões sobre a formulação da nova LDB, o MEC propôs a retirada da atividade Educação Artística do currículo. E, Diante do crescente movimento de organização política dos professores e constante debate sobre conceitos e metodologias na área, arte-educadores de vários estados do país se posicionam em defesa da Arte na escola, justificando a presença de conteúdos, gramáticas, história e sistemas de interpretação que deveriam ser ensinados, apontando concomitantemente sugestões para mudanças na lei.

Sancionada em 20 de dezembro de 1996, a nova LDB cede aos protestos e manifestações dos educadores, mantendo a obrigatoriedade do ensino e efetuando mudanças relevantes em seu conteúdo. Com a nova lei, a disciplina deixa de ser

considerada atividade de expressão e é integrada ao currículo como área do conhecimento, com o objetivo de qualificar o indivíduo para compreender a cultura. A partir disso, abrem-se precedentes para a discussão das especificidades das diferentes linguagens, bem como a exigência de profissionais qualificados para atuar em cada área artística.

É inegável o avanço e as conquistas alcançadas ao longo das últimas décadas para o ensino de arte-educação, inúmeros⁴ estudos e pesquisas se ocuparam e ainda se ocupam desses questionamentos, entretanto, não significa dizer que tais questões foram solucionadas ou ainda que estas não estejam presentes no ensino brasileiro, mas reportar a elas significa grifar o mote instigador desta pesquisa.

A explícita carência de professores habilitados para atuação em sala de aula, bem como a presença de profissionais de outras áreas do conhecimento no ensino de Artes, tornam o trabalho de qualificação/reciclagem/ habilitação/formação continuada dos professores estritamente necessário. Diante do quadro atual é impossível negar que a atuação dos profissionais com formação em outras áreas no ensino de Artes seja na maioria das vezes o que proporciona a estudantes de cidades interioranas, a exemplo da cidade de Campos Belos – GO, o contato com uma linguagem artística. O questionamento, no entanto, diz respeito à forma como os estudantes obtêm este contato.

Diante de um quadro de professores que, semelhante ao da década de 70 e 80, confessam a falta de formação e insegurança com os conteúdos relacionados à disciplina, observa-se que não houve grande mudança em relação à prática do ensino de Teatro em sala de aula. De modo que, na grande maioria dos casos sua presença no ensino ainda está – aliada, reduzida, simplificada e limitada - às representações dedicadas às datas comemorativas, sendo raras as exceções em que desse são ensinadas suas linguagens, situação que se mantém justificada na falta de formação dos professores nas linguagens artísticas. Fechar os olhos para essa realidade não se trata da escolha mais adequada, a considerar a relevante colaboração do contato com a área artística na formação do ser.

Entretanto, verifica-se que movimentações são articuladas entre Secretarias de estados e seus municípios para amenizar os impactos de uma educação ministrada por

⁴ Ver, entre outros, JAPIASSU (2010), DESGRANGES (2011), SANTANA (2009).

formadores sem formação na área. A exemplo disso, tem-se os cursos de formação continuada que são oferecidos no Estado de Goiás para habilitação / reciclagem dos profissionais com formação e sem formação na área artística.

Atualmente, nos encontramos no ponto da história onde já foram alcançadas muitas melhoras, contudo, possuímos ainda um caminho repleto de questões extremamente merecedoras de reflexões para o melhor ensino e desenvolvimento desta prática artística.

1.2_ Especificidades do ensino de Artes no Estado de Goiás: a Ciranda da Arte.

Com 248 municípios, o Estado de Goiás localiza-se na região Centro-Oeste do país. Através da Universidade Federal de Goiás (UFG), oferece Cursos Superiores com Bacharelado e Licenciatura nas linguagens artísticas de Música, Artes Cênicas e Artes Visuais, sendo a Dança oferecida somente a Licenciatura. Apesar de possibilitar formação nas diversas linguagens artísticas, o estado em grande parte de seus municípios possui um déficit de profissionais habilitados atuando na área de Artes/Licenciatura. No entanto, o estado conta com um histórico de participação e colaboração na institucionalização do ensino de Artes no país, os acontecimentos que guiaram essa legalização contribuíram para passos significativos na elaboração de planejamentos, métodos e estratégias que colaborassem para melhora do ensino das linguagens artísticas no estado.

A LDB de 1971 promoveu um aumento na criação de cursos de Artes Licenciatura no país, e marcou uma organização política e o fortalecimento da mobilização de arte-educadores por meio de associações, seminários, congressos e teses que intensificaram as pesquisas e questionamentos na área artística. No Estado de Goiás essas mobilizações proporcionaram diálogos entre a Secretaria Estadual de Educação de Goiás, a Faculdade de Artes e o Fórum de Licenciatura da UFG, que juntos tiveram uma participação ativa na defesa pela permanência do ensino de Artes no currículo escolar no início da década de 90.

Com a promulgação da LDB de 1996 as discussões em torno das especificidades de cada área se ampliaram vistas as conquistas alcançadas com a nova lei. Face a esse acontecimento, em 1997 a Câmara Municipal de Goiânia realizou um seminário com o propósito de debater a nova LDB. O encontro resultou na criação do Projeto de Diretrizes do Sistema Educativo do Estado de Goiás, cujo objetivo era propor as devidas adequações da Lei às necessidades do estado. Sob essas condições, o governo de Goiás começa a tomar medidas para expansão e melhoria do ensino de arte-educação na região.

Nesse sentido, surge em 1999 a Coordenação de Artes instalada na Subsecretaria de Educação de Goiânia, esta era responsável por acompanhar os projetos da área desenvolvidos nas escolas. Constituída por profissionais com formação e especialização nas diferentes linguagens artísticas – Música, Artes Cênicas, Dança e Artes Visuais – a coordenação analisava as propostas referentes às Artes que eram encaminhadas ao PRAEC - Programa de Atividade Educacional Complementar.

A partir da implementação dos PRAECs, percebe-se a necessidade de verificação dos profissionais de Artes atuantes na rede de ensino do estado. No levantamento, realizado no final da década de 90, a cidade de Goiânia possuía em seu quadro de professores somente dezessete formados em Artes, sendo os demais formados em outras áreas do conhecimento. (Projeto Político Pedagógico – Ciranda da Arte. 2011).

De acordo com a LDB/1996, a escola deve se organizar de modo que todos os anos do ensino fundamental e médio sejam contemplados com o ensino de Artes, sendo permitida, na ausência de profissionais formados na área de Artes, a admissão de docentes com formação em outras áreas do saber para ministrar a disciplina. Contudo, estes devem optar por uma única linguagem artística de acordo com suas afinidades e possibilidades de formação, e aprimorar-se nela.

Diante desse fato e da pequena presença no estado de profissionais formados em Artes atuando no ensino formal, a coordenação de Arte/SEDUC iniciou um processo de formação continuada, a fim de diminuir a fragmentação e fragilização do ensino de Artes decorrente na maioria dos casos do despreparo dos professores. O Curso de Novas Metodologias para o Ensino da Arte foi o primeiro a ser oferecido neste intuito. Com duração de 190 horas, o curso constituía-se de sete módulos e buscava o

aprofundamento nos conhecimentos em Artes Visuais, Audiovisuais, Dança, Teorias da Aprendizagem, História das Artes Visuais, Música, Teatro e suas aplicações no ensino, tendo este sido disponibilizado em três edições, nos anos de 2002, 2003 e 2004.

Em 2005, a fim de sediar os projetos que se ampliavam e expandir o processo de formação continuada, a Coordenação de Arte ganha uma sede própria com a denominação de Centro de Estudo e Pesquisa “Ciranda da Arte”. Nasceram os “Cirandeiros⁵”, cujas atribuições ultrapassam o acompanhamento e análise dos projetos do PRAEC - Programa de Atividade Educacional Complementar. Os Cirandeiros atuam através de produções artísticas, científicas e de projetos. Realizam concursos artísticos, possuem orquestras, grupos de Teatro, prestam assessoria a projetos e disciplinas das diversas linguagens artísticas através de seu Ambiente Virtual de Aprendizagem, entre demais atividades desenvolvidas pelo Centro de Pesquisa e Estudo. Com sede localizada na capital goiana, através do “Ciranda da Arte” são oferecidos cursos – presenciais e a distância - aos professores de Artes do estado.

Com participação ativa na formação continuada dos professores de Artes da rede pública do estado, os Cirandeiros tiveram importante colaboração na elaboração dos Cadernos de Reorientação Curricular do Ensino Fundamental para a área de Artes do Estado de Goiás. As seqüências didáticas presentes nos Cadernos foram elaboradas pelos pesquisadores do Centro de Estudo e Pesquisa “Ciranda da Arte”.

Ainda no ano de 2004, o Governo do Estado de Goiás iniciou um processo de reorientação curricular com previsão de término para 2006. Ao final deste período essas experiências foram traduzidas na forma de diretrizes curriculares dispostas em Cadernos nomeados - Currículo em Debate. Todos os materiais contidos nas Reorientações Curriculares foram colhidos através de oficinas pedagógicas, encontros e fóruns de debates que contaram com a participação de profissionais representantes da Secretaria de Educação do Estado, pesquisadores da Universidade do Estado de Goiás, representantes das Subsecretarias de Educação, professores da rede de ensino e alunos que através de entrevistas concedidas ao projeto de reorientação, e participação nas atividades propostas tiveram sua atuação marcada no projeto.

O processo de Reorientação Curricular do Estado ocorreu não só no ensino das linguagens artísticas, mas em todas as demais disciplinas que compõe o currículo

⁵ Chamo aqui de Cirandeiros os integrantes do Centro de Estudo e Pesquisa “Ciranda da Arte”.

escolar. Aos pesquisadores do Centro de Estudo e Pesquisa “Ciranda da Arte” coube a tarefa de organizar e elaborar o material referente à área de Artes.

Os primeiros Cadernos da série Currículo em Debate se dedicam a envolver os professores, gestores e técnicos pedagógicos nos valores imprescindíveis para a proposta, tais como: direito a educação e valorização do saber do aluno. Além do conhecimento de uma proposta curricular com novos recortes e abordagens de conteúdos e práticas docentes que assumam as aprendizagens específicas de cada área. Na elaboração da nova proposta nota-se a preocupação em tornar o resultado um cirandar de idéias, oriundas das diversas partes envolvidas neste processo. Entre os Cadernos encontram-se ainda, relatos de experiências e práticas pedagógicas dos professores, bem como avaliações destes sobre o material disposto.

A série consta de sete Cadernos para Reorientação Curricular, nos quais do primeiro ao quarto são dispostos os debates, relatos e experiências a fim de propor um entendimento do quadro de ensino e aprendizagem do estado. A partir do quinto Caderno, além das discussões, são trazidas seqüências didáticas específicas para cada linguagem artística. A equipe de pesquisadores do Centro de Estudo e Pesquisa “Ciranda da Arte”, é a responsável pelas seqüências didáticas elaboradas para o ensino de Artes, sendo cada uma destas realizadas por profissionais especializados na linguagem artística em questão. As seqüências trazem conteúdos como: trabalho com Teatro de bonecos, máscaras, Teatro do oprimido e entendimento e análise das telenovelas. O material sobre cada um dos assuntos mencionados contém uma média de 15 a 20 aulas⁶.

Para os Cirandeiros responsáveis pela elaboração das seqüências didáticas, o conteúdo disposto deve ser posto para os professores não como um modelo, mas como uma base sujeita a adequações necessárias a realidade escolar do município. Ao final de cada planejamento, os educadores podem consultar as referências utilizadas para realização das seqüências (livros, vídeos e informações de grupos no Estado de Goiás, no Brasil e no mundo que trabalham com o tema).

⁶ Os Cadernos de Reorientações Curriculares, bem como as seqüências didáticas contidas nestes, podem ser acessadas no blog – cbpensandoemteatro@blogspot.com ou ainda no site do Centro de Estudo e Pesquisa “Ciranda da Arte” - <http://cirandadaarte.com.br>.

As seqüências didáticas de Artes/Teatro disponibilizadas nos Cadernos de Reorientações Curriculares do Estado expõem de forma clara, sucinta e sem ser reducionista seus conteúdos. No entanto, falham na medida em que os professores não são devidamente preparados para aplicar os materiais disponibilizados nestas seqüências. Assim sendo, contradizem o próprio Projeto Político Pedagógico do Centro de Estudo e Pesquisa “Ciranda da arte” (2011), que diz: “Para que o professor estabeleça a sua própria relação com o saber arte, ele precisa consumir arte, entender arte, interagir com a arte, produzir arte... E seduzir os seus estudantes para fazerem o mesmo”.

Com um déficit de profissionais formados nas linguagens artísticas o estado tem recorrido cada vez mais às políticas de formação através de material didático para melhoria do ensino das Artes em suas salas de aula. O investimento é considerável/necessário, no entanto, insuficiente para o aprendizado da linguagem teatral, cuja prática é indispensável para o complemento desta formação.

A pesquisadora Maria Lúcia Pupo (2010) menciona em seu texto “*Teatro e Educação Formal*” sua preocupação em relação ao ensino de arte na cidade de São Paulo, onde, segundo ela, os alunos licenciados em Artes estão fugindo do ensino formal. A preocupação da pesquisadora revela um quadro presente não só no Estado de São Paulo, mas que acredito pode ser encontrado no Estado de Goiás, no Distrito Federal, e demais estados brasileiros.

Percebe-se semelhança entre as proposições de Maria Lúcia Pupo e do Projeto Ciranda da Arte na questão de que a valorização e o fortalecimento das Artes seja um campo com conhecimentos próprios e relevantes a formação do ser, e de que isso está na boa formação dos profissionais que ministram a disciplina. Como defender uma área que não se conhece e trabalhar conhecimentos dos quais não se domina?

Apesar do empenho em dar subsídios para que os professores possam sanar essas questões, e da expressiva atuação do projeto Ciranda da Arte, percebe-se que ainda há uma distância entre a fala contida nos PCNs, os Cadernos de Reorientações Curriculares e a prática dos professores em sala de aula. O Estado de Goiás possui mais

de 240 municípios que não são atendidos completamente pelas iniciativas do Centro de Estudo e Pesquisa “Ciranda da Arte”⁷.

Diante disso, temos ainda casos como o do município goiano Campos Belos, onde poucos professores conhecem os Cadernos de Reorientações Curriculares. Eles reconhecem uma dificuldade de colocar em prática as diretrizes contidas nos mesmos. Apesar dos conteúdos disponibilizados nos Cadernos, os professores reclamaram da falta de material didático para Artes/Teatro. E, a partir das entrevistas realizadas com alguns docentes de Artes do município, percebo que esta queixa ocorre em muitos casos devido ao não conhecimento do material, ou ainda por não saberem como utilizá-los na prática.

1.3_ Campos Belos um município goiano: entre os professores da escola.

Cidade localizada no interior do Estado de Goiás, Campos Belos fica a 400 quilômetros da capital federal e a 630 quilômetros da capital do Estado de Goiás. O município é conhecido por ser o maior da região do nordeste goiano, atendendo em diversas instâncias (saúde, educação, comércio e etc.), as cidades vizinhas de Monte Alegre – GO, Teresina – GO, Arraias – TO entre outros municípios que recorrem aos serviços da cidade.

Sua população total estima-se em aproximadamente 18.616 habitantes de acordo com Censo Demográfico do IBGE realizado em 2010. O município conta com duas instituições de nível superior, a unidade da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e a Faculdade Terra, instituição privada que oferece cursos superiores à distância. O pólo de educação da UEG presente na cidade oferece os cursos de: Letras Português/Inglês, Pedagogia, Curso Superior em Tecnologia Agropecuária e Curso Superior em Tecnologia em Agronegócio. Os jovens que desejam cursar outras graduações normalmente recorrem às capitais mais próximas, Brasília (DF), Goiânia (GO) e Palmas (TO) para continuidade dos estudos.

⁷ Chego a esta conclusão, a partir da leitura do site do Centro de Pesquisa e Estudo “Ciranda da Arte” - <http://cirandadaarte.com.br> .

A cidade possui 12 escolas públicas entre municipais e estaduais, sendo duas destas instituições localizadas em Pouso Alto e Barreirão, povoados de responsabilidade administrativa do município. O quadro de professores da rede pública da cidade é constituído em sua maioria por profissionais com formação em Pedagogia, Letras e Matemática os cursos de graduação na área de educação mais oferecidos no município e em suas proximidades. Face às necessidades de adequação a realidade de cada município contida nas Orientações do Estado, a cidade conta com a atuação dos professores com formação nestas áreas do conhecimento para ministrar o ensino de Artes em suas escolas.

Para melhor compreensão da situação do ensino de Artes na cidade – antes de organizar a oficina – realizei em 2011 entrevistas com professores de Artes da rede pública do município. O trabalho de conversa com os docentes começou ainda no início do ano, em meados de maio, e fora finalizado em setembro de 2011. Receptivos e sinceros os educadores responderam aos questionamentos da entrevista prestando significativa colaboração para este trabalho de pesquisa⁸. Através dos encontros realizados ora nas próprias escolas e ora nas residências dos professores, rotinas e situações de trabalho foram relatadas, sendo as impressões contidas neste sub-capítulo alcançadas a partir do contato com esses educadores.

Por meio das entrevistas realizadas, foi possível perceber e compreender parte dos problemas e dificuldades presentes na realização do ensino de Artes no município. Os educadores entrevistados classificam sua história de ensino na área de Artes como um grande desafio. Sem formação na área, material didático, estrutura física e cursos de capacitação, os professores assumem enfrentar dificuldades para o planejamento de suas aulas.

Na cidade o ensino da disciplina fica a cargo dos educadores que mais se identificam com a área ou ainda daqueles que necessitam aumentar sua carga horária. A maioria dos professores entrevistados ministram aulas de Artes Visuais, que de acordo com os docentes possuem conteúdos mais fáceis de serem acessados nos livros e internet, além de apresentar maiores possibilidades para exemplificar aos alunos seus conteúdos.

⁸ O mote/inspiração/vontade para realização deste trabalho de pesquisa nasce ainda no início de 2011, quando cursava a disciplina Seminário Interdisciplinar, responsável pela elaboração do pré-projeto de monografia de Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília - UnB.

Dessa forma, os educadores justificam a escolha dessa linguagem artística, não por identificação, mas pela facilidade de acesso aos conteúdos. Ao contrário do Teatro, as Artes Visuais possuem livros didáticos que auxiliam os professores no planejamento de aula, bem como a sistematização pioneira de seus conteúdos facilita o ensino nas escolas da cidade.

Conforme a fala dos professores, poucos foram os cursos de capacitação oferecidos para Artes na cidade e quando ocorridos foram direcionados para as Artes Visuais. Rosangela⁹ professora de Artes formada em Pedagogia e Orientação Educacional na UEG de Campos Belos, participou do último curso através de um convite por parte de colegas que sabiam de seu envolvimento com as Artes. Contudo, o evento era destinado aos professores da rede estadual de ensino. Rosangela conta que aceitou por considerar o conhecimento como algo que nunca se tem demais, mas que se identifica mais com as expressões corporais e com o Teatro.

À frente da disciplina há 10 anos, a professora realiza na Escola Jandira Aires – onde estudou quando criança e atualmente trabalha – um festival de Artes no qual envolve todos os alunos da escola na demonstração de suas habilidades artísticas. Os trabalhos envolvem Poesia, Pintura, Dança, Teatro, Moda e Música, ficando a critério dos alunos a escolha de como participar. Normalmente, ela realiza um festival por ano, devido ao tempo demandado para preparação dos alunos para o evento. Durante um dia as salas de aula são ocupadas com trabalhos e apresentações, que contam com o público das demais escolas da cidade e da comunidade que se envolve e prestigia o trabalho dos alunos. Contudo, no ano de 2011 os alunos não contaram com o festival, apesar da cobrança para realização a professora confessou estar cansada e desmotivada com a falta de estímulo e valorização ao profissional da educação.

Quando não mencionam o cansaço os professores reclamam da estrutura física das escolas e do quase inexistente material didático para trabalharem. Segundo os docentes de Artes do município as escolas não possuem salas adequadas para o exercício da prática artística, seja ela Música, Cênicas, Dança ou Artes Visuais. Quando mencionei o objetivo da realização de um mini-curso de iniciação a linguagem cênica na cidade, os professores demonstraram animação e vontade em participar. Rosangela

⁹ Os nomes mencionados neste trabalho correspondem ao verdadeiro nome do entrevistado, com autorização prévia os professores aceitaram e estão cientes da utilização deste material para a monografia em questão.

ressaltou que foi bom ter escolhido o município e que o curso iria me proporcionar um contato com a realidade escolar. Entre os desejos da professora está o de que as leis sejam feitas por profissionais que estejam ou tenham tido maior contato com a prática escolar, segundo ela boa parte do disposto no papel não se aplica no dia a dia da sala de aula.

Sem a prática na área de atuação que complementa/auxilia o ensino das linguagens artísticas nas escolas, os professores do município se utilizam dos materiais dispostos na internet para exemplificar a prática dessas linguagens a seus respectivos alunos. Quando pergunto para a professora Lindalva atuante na rede de ensino estadual da cidade e iniciante na docência em Artes, qual seria sua dificuldade no exercício do ensino da disciplina, a professora relata ser exatamente a parte referente ao Teatro.

O que eu sinto falta a minha dificuldade que eu acho que eu vou ter é o Teatro. Por que esse... Esse tá mais assim, assim não tem tanta facilidade, você pode até buscar alguma coisa, mais muita teoria a prática é muito... Abstrata pra gente. Porque aqui, a cidade não oferece. Não tem uma sala de teatro, não tem nada, não tem ninguém formado na área para poder instruir o grupo. O conhecimento que eu tenho é porque eu busco mesmo, eu tenho material que fala de toda a parte de teatro, cenografia, de figurino essas coisas... Ai eu vou buscando, mas é só teórico a parte prática mesmo fica a desejar. Quando você é formado você sabe chegar na sala e dar a parte teórica e a prática. Agora no meu caso eu vou dar mais a parte teórica e a prática vai ficar deixando a desejar... Eu sinto que vou ter dificuldade, porque eu não tenho como demonstrar.

Isso não significa dizer que os alunos da professora Lindalva não terão aulas de Teatro, pois, esta finaliza sua fala mencionando os Cadernos de Reorientações Curriculares do Estado, aos quais pretende consultar assim que chegar em casa para elaborar suas aulas. O relato acima se trata da fala de uma professora com 23 anos de docência que acaba de pegar a disciplina de Artes para ministrar. Pedagoga formada e com especialização em gestão escolar, Lindalva foi uma entre os poucos que disse conhecer os Cadernos de Reorientação Curricular para o ensino de Artes do estado.

Maria de Fátima professora há 18 anos possui formação em Pedagogia, Fátima como prefere ser chamada, encontrava-se a poucos meses à frente da disciplina de Artes. A professora confessa ter conhecimento das Orientações Curriculares para o ensino de Artes, porém explica que para os professores que não possuem formação na área, os Cadernos não cumprem toda a parte de capacitação.

O que pude perceber diante das conversas com os educadores foi um quadro de um ensino cuja qualidade depende muito do envolvimento que cada docente tem com a área de Artes. Durante as conversas tidas com os docentes todos ressaltaram a necessidade de pesquisa para planejar as aulas, aqueles que se aproximam do almejado pelas diretrizes curriculares são os professores cujo envolvimento com a área do conhecimento ultrapassa o cumprimento de carga horária e o preenchimento de uma lacuna profissional.

A partir do grifo da pequena presença de profissionais formados na área atuando nos municípios goianos, e de uma situação educacional do ensino de Teatro na cidade praticamente inexistente, apresentei a proposta do mini-curso de Iniciação a Linguagem Cênica para os Professores que ministram aulas de Artes na cidade. O mini-curso foi uma tentativa de possibilitar uma base para desenvolvimento de atividades teatrais nas escolas, bem como o contato dos professores com a linguagem teatral e estímulo para o ensino de Teatro nas salas de aula do município.

Capítulo 2: Elaboração do mini-curso

A partir do conhecimento da situação de ensino na cidade de Campos Belos, e após realizar entrevistas com as quais pude perceber as atividades desenvolvidas e as dificuldades dos professores de Artes da rede pública de ensino do município, foi iniciado o Processo de elaboração do mini-curso. Toda programação para sua realização, bem como a seleção de seus conteúdos reforçam as preocupações e objetivos aos quais o mini-curso pretendia a partir de sua execução alcançar/possibilitar. Este capítulo, portanto se destina a expor esse processo a fim de esclarecer os anseios e pretensões desta proposta.

2.1_ O mini – curso

As diretrizes para elaboração do mini-curso de iniciação a linguagem cênica foram pré-estabelecidas a partir do processo de conversa com professores de Artes do município de Campos Belos. A proposta objetivava a aplicação de um mini-curso que possibilitasse ao docente o contato com a linguagem teatral e estímulo a sua prática na sala de aula, além de disponibilizar ao professor material para desenvolvimento de atividades teatrais. Dentre os objetivos encontravam-se ainda a criação de espaço para a troca de saberes e debate da realidade escolar dos participantes do mini-curso.

Com uma carga horária de 20 horas, a proposta foi dividida em cinco encontros, a serem realizados durante uma semana com duração de quatro horas cada. O tempo foi determinado em função da disponibilidade de horários mencionados pelos professores durante as entrevistas. De acordo com os educadores, a proximidade do fim do ano letivo – o mini-curso ocorreria em novembro – impossibilitaria a disponibilização de um tempo maior para participação no projeto. A demanda de conteúdos, provas e diários para serem finalizados comprometeriam a disponibilidade dos professores para maior participação no evento.

Com propósito de atender aos objetivos do mini-curso, seu conteúdo foi dividido entre exercícios que desenvolvessem noções de: Foco/Concentração – Corpo/Espaço e Improvisação. Os eixos foram escolhidos por nortear as modalidades teatrais - Teatro de Bonecos, Teatro de Máscara e Teatro Físico – contidas nos Cadernos de Reorientações Curriculares do Ensino Fundamental, para ensino de Artes/Teatro do Estado de Goiás. O conteúdo foi escolhido no intuito de que os educadores concluíssem o mini-curso com o conhecimento de exercícios que, além de trabalhar foco/concentração e os demais eixos mencionados, pudessem auxiliar no desenvolvimento do trabalho prático destas modalidades em sala de aula.

Tendo em vista as considerações relatadas pelos docentes, foi reservado dentro do tempo de aplicação do mini-curso, um espaço para elaboração de um plano de aula, visando possibilitar aos educadores o planejamento de um material para iniciar a prática da linguagem teatral em suas respectivas salas de aula.

A proposta do mini-curso, bem como seu conteúdo fora pensada considerando tanto o contato obtido através das entrevistas realizadas com os professores quanto o processo de aprendizagem que obtive durante a graduação. A expectativa para

participação no mesmo era de aproximadamente 15 professores, a partir deste número de participantes que foram selecionados seus conteúdos.

2.2_ Seleção de Conteúdos: montando o mini-curso.

Todo material escolhido para integrar o mini-curso, foi baseado nos relatos dos professores e no processo individual de aprendizado vivenciado durante a graduação. Escolher trabalhar com noções de foco/concentração, corpo/espço e improvisação se tratou também de uma percepção da importância do domínio desses eixos para desenvolvimento e entendimento das demais práticas/modalidades teatrais.

Os professores mencionaram conhecer as orientações curriculares, porém não sabiam como colocá-las em prática. Tendo observado na leitura dos Cadernos de Reorientações Curriculares que nenhuma das seqüências didáticas eram direcionadas para uma iniciação a linguagem cênica, vislumbrei a partir do mini-curso possibilitar uma base para desenvolvimento das demais linguagens mencionadas nas Orientações Curriculares. A tentativa era para que a partir do contato com esse conteúdo inicial os professores pudessem repensar/desenvolver a prática destas seqüências em sala de aula.

Ciente do trabalho com profissionais sem formação acadêmica na área de Artes, porém com atuação em seu ensino, ressalto a preocupação nesta fase de escolha dos conteúdos, em trabalhar com autores cujas metodologias pudessem ser consultadas pelos professores no período de pós-curso. Nesse contexto, optei, ainda por utilizar autores que descrevessem de forma clara e objetiva os exercícios a serem trabalhados. Dessa forma, autores como: Viola Spolin e Augusto Boal, passaram a compor as referências do projeto.

O intuito de utilizar exercícios/jogos contidos no livro – *Jogos Teatrais na Sala de Aula: um manual para o professor* - de Viola Spolin (2010), advém da forma didática como dispõem seus conteúdos, o que torna a autora uma boa referência para os professores, pois ao final do curso poderão encontrar, descritos em seu livro, os jogos desenvolvidos durante o mini-curso sob explicações muito claras. Spolin se preocupa com a forma de preparação para cada jogo, instruindo o professor de como aplicar,

avaliar e conduzir o exercício proposto, fator relevante, tendo em vista o público alvo escolhido. A separação dos conteúdos do livro mencionado – em jogos para aquecimento, trabalho com movimento rítmico, jogos sensoriais entre outros – transparecem a forma didática como a autora se preocupa em listar seus conteúdos.

Parte considerável dos educadores mencionou trabalhar Arte/Teatro através de representações que envolviam temas de preocupação da comunidade escolar, tais como: gravidez na adolescência, violência, *bullying* e demais dilemas do ambiente escolar. Diante do relato dos professores, foi impossível não relacionar o trabalho com questões da comunidade à abordagem realizada por Augusto Boal através do Teatro do Oprimido. Criado para discutir situações de opressão vivenciadas socialmente através do Teatro, de maneira não só a ilustrá-las, mas principalmente de gerar a possibilidade de reação e superação da opressão.

Diante disto no plano de aula do mini-curso, jogos de Augusto Boal retirados do Livro – *Jogos para atores e não atores* – (2009) foram incluídos, não com o intuito de trabalhar o Teatro político, pois o mini-curso não se dedica a falar de uma modalidade específica de Teatro, mas com o objetivo de apresentar o autor aos professores que não o conhecessem. A idéia era que depois da prática de alguns de seus jogos, e breves comentários sobre o Teatro desenvolvido pelo autor, os professores pudessem se interessar pela metodologia de Boal, que assim como a de Viola Spolin, possui um material didático acessível ao término do projeto.

Com uma prática onde todos são jogadores, as influências das idéias de Boal no mini-curso servem ainda para demonstrar aos professores que sua participação nos jogos é imprescindível para o envolvimento dos alunos na proposta. Além de ressaltar a possibilidade por parte de todos – atores e não-atores – da prática da Arte teatral. Cabe ainda ao contato com a obra de Boal, a escolha do público alvo para o mini-curso. Seu trabalho com a idéia de multiplicadores de sua proposta serviu de inspiração a este projeto que buscou na figura do professor, possibilitar uma multiplicação e transformação do conhecimento trocado durante o curso.

Viola Spolin e Augusto Boal compõem, portanto, a estrutura de conteúdos do projeto, devido a clareza didática de suas metodologias, e no caso de Augusto Boal de identificação com seus ideais. Na condição de ministrante do curso, escolhi dos autores

citados, os jogos/exercícios com os quais tive contato durante a graduação, acreditando na possibilidade de imprimir maior segurança em sua aplicação por já tê-los praticado.

Juntamente com o material retirado dos livros de Boal e Spolin, foram acrescentados exercícios cênicos realizados com o grupo de extensão, *Teatro de Mentira: composição dramática em farsa contemporânea*¹⁰. Do projeto de extensão, coordenado pela professora Dr. Felícia Johansson do departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, foram selecionados jogos que possibilitassem uma transformação prática do jogo em cena. Além de atender aos objetivos de trabalho com Foco/Concentração e os demais eixos que foram trabalhados no curso, os jogos colaboram para exemplificação da possibilidade de gerar resultados cênicos a partir da prática dos jogos em sala de aula.

No contato com o grupo de extensão, foi possível perceber ainda, o quanto os exercícios propostos pelo pesquisador convidado, mestrando Alisson Araujo, passaram por modificações ao entrar em contato com os demais integrantes da extensão. Acrescentamos regras aos exercícios e chegamos a realizar de forma diferenciada jogos já conhecidos de autores como a própria Viola Spolin e Augusto Boal. A partir dessa experiência a proposta é incluir os jogos praticados com o grupo, para demonstrar aos professores a possibilidade de adaptação e transformação dos exercícios/jogos praticados no mini-curso.

Minha busca foi por um entendimento por parte dos professores, que diante do material de Viola Spolin e Augusto Boal podem não só praticar os jogos da forma como estão dispostos nos livros, mas transformá-los de acordo com suas necessidades e objetivos. Afinal, o propósito do mini-curso não era gerar “receitas de bolo” para serem seguidas, mas possibilitar o entendimento da linguagem para que assim possam adaptá-la de acordo com cada realidade escolar.

A seleção de conteúdos do mini-curso girou em torno das três fontes mencionadas Viola Spolin, Augusto Boal e o projeto de extensão “Teatro de Mentira”.

¹⁰O projeto desenvolve de modo experimental pesquisa em dramaturgia contemporânea, estabelecendo um diálogo criativo entre formas tradicionais e populares de teatro relacionados ao gênero farsesco (máscara, mímica, *clowns*, *commedia dell'arte*, teatro de revista) e artefatos de nossa presente cultura visual (histórias em quadrinhos, novelas gráficas, vídeos para internet). O trabalho também desenvolve metodologias de ensino e transmissão de técnicas teatrais relacionadas à farsa que enfatizam o jogo, a brincadeira e o lúdico, gerando material didático e videográfico para uso na educação à distância.

Ainda no processo de montagem do projeto, um blog¹¹ foi criado, a partir do relato dos professores que buscavam na *internet* conteúdos para o ensino de Artes. Foi postado no blog, o processo de montagem do mini-curso, as referências usadas para elaboração do mesmo, bem como vídeos e endereços de sites onde pudessem encontrar conteúdos referentes à área teatral, com espaço para postagem de dúvidas e relatos de experiências.

Faltava pouco para colocar em prática o que estava projetando no papel. Durante a seleção dos conteúdos a preocupação norteadora era possibilitar a maior compreensão e entendimento possível dos exercícios por parte dos professores. Por isso a atenção em escolher cada autor, seus jogos, e a seleção de músicas que auxiliassem no envolvimento com o jogo, e assim propiciar da melhor forma possível a vivência dos exercícios.

2.3_ Parcerias e acordos

Durante o processo de conversa com os professores foi estabelecido um contato com a Secretaria Municipal de Educação através da senhora Odiva Xavier, Secretária de Educação do Município. Com sua colaboração o espaço para aplicação do mini-curso e materiais para realização do mesmo foram conseguidos. A escola Dom Alano, que funciona atualmente como um espaço usado pela Secretaria de Educação para realização de cursos e palestras, sendo, utilizada ainda como biblioteca e abrigo para menores, fora o espaço cedido para realização do curso. A sala é simples, arejada e semelhante a uma sala de aula, por isso a escolha, nesse sentido de trabalhar exatamente com o mesmo espaço que os professores possuem em suas escolas. Localizada próxima ao centro da cidade a escola possui fácil acesso para os educadores.

Caixa de som, computador e uma bola, foram os materiais selecionados para aplicação do mini-curso. Trabalhar com o mínimo consistia em encorajar os professores a realizar em suas respectivas salas de aula os exercícios experimentados durante o mini-curso.

¹¹Com o propósito de se tornar um meio de comunicação com os professores após o término do curso, o endereço eletrônico - <http://cbpensandoemteatro.blogspot.com.br/> - trata-se de uma tentativa de estender o contato com os professores do município.

Com local e o material para realização do evento providenciados, cabia então efetuar o convite oficial aos professores para participação no mini-curso e abrir o processo de inscrição para o mesmo. Através das Secretarias de Educação Municipal e estadual da cidade, foram enviados e-mails para todas as escolas do município convidando os professores e informando - os dos trâmites para realização das inscrições.

Uma carta convite foi elaborada ressaltando o conteúdo do mini-curso e a importância da participação de todos. Como acordado com a Secretária de Educação, as inscrições prioritariamente seriam para os professores de Artes, entretanto, seria permitida a realização de inscrições de demais professores interessados. Estendeu-se ao acordo também a aplicação do curso em dois horários para garantir a maior participação dos professores no evento. Os e-mails com a divulgação do projeto foram enviados em 02 de novembro de 2011, doze dias antes da realização do mini-curso, sendo autorizada a partir desta data a inscrição no mesmo. Durante este período a Secretaria de Educação foi o espaço para contatos e realização das inscrições para o mini-curso. Restava, portanto aguardar os inscritos para dar início á prática planejada.

Capítulo 3: Indo a Campos: aplicação do mini-curso

Realizar o curso na cidade de Campos Belos fora desde o início uma escolha que ultrapassava as comodidades de ter uma família residente no local, amigos próximos e o fácil acesso aos participantes almejados para o mini-curso. A proposta foi realizada com o intuito de contribuir, ainda que minimamente, com a cidade que abriu espaço para a menina Paula brincar de fazer Teatro. Ouvir a professora Rosilane Santos – participante do mini-curso – dizer que se sentia muito feliz em saber que quem estava ministrando a proposta era uma pessoa natural da cidade, evidenciou já no primeiro encontro que realizar o curso na localidade ao invés de qualquer outro lugar, possuía um sabor especial que envolvia também os participantes do mini-curso.

De acordo com Rosilane Santos, pedagoga e professora da 5º série do ensino fundamental, os professores estão acostumados com a presença de pessoas oriundas de outras localidades a frente dos cursos de formação continuada desenvolvidos na cidade. Segundo ela, ser natural do município estabelecia uma relação diferente com este mini-

curso que se tratava, portanto, de um retorno, uma troca com a cidade. Ressaltou ainda, que torcia para que um dia fosse um aluno seu a pessoa a fazer esse retorno. A fala da professora se ampara em uma situação corriqueira na cidade. Ao saírem em direção às capitais e municípios mais próximos para cursarem o ensino superior, os jovens em sua maioria, não costumam retornar ao município depois de formados para exercerem sua profissão no mesmo, por isso a surpresa/entusiasmo de Rosilane Santos ao saber que sou uma campos-belense.



Figura 1: A vista da Janela!

A realização do mini-curso ocorreu na Escola Dom Alano, nomeada em homenagem ao Bispo que muito colaborou para o desenvolvimento da região. Amado e respeitado por uma grande maioria católica do município, alguns dizem ser ele o inspirador do nome da cidade, na qual sempre que passava elogiava seus “Campos Belos”. O mini-curso aconteceu em uma das salas da antiga escola, o quadro gasto e as figuras coloridas do alfabeto sobre ele rememoravam os tempos de plena ativação. Três grandes janelas facilitavam a circulação do ar e entrada da luz na sala, tornando-a um ambiente agradável apesar do incessante calor, habitual na cidade. Para a realização do mini-curso algumas cadeiras foram retiradas da sala, sendo as poucas que restaram agrupadas ao fundo da mesma para liberar o espaço para prática dos jogos.

Estruturado em dois turnos (matutino e vespertino) o mini-curso foi aplicado de 07h00min às 11h00min para a turma da manhã, e de 13h00min às 17h00min para a turma da tarde, horários escolhidos por se aproximarem da rotina de trabalho dos professores nas escolas. Escreveram-se para participação no mini-curso 26 educadores da rede pública de ensino da cidade, contudo compareceram aos encontros 22 docentes, de qualquer forma número superior aos 15 educadores esperados. As turmas M – da manhã e T – da tarde, foram fechadas com 11 professores inscritos em cada.

Entre os participantes haviam dois homens – Raimundo Nonato e Domingos Bispo – ambos com formação em Pedagogia. No semestre em questão (2º/2011) Nonato ministrava aulas de Geografia, Ciências, Matemática e Artes¹², já o professor Domingos dava aulas de História. Cada um ficou em uma turma, sendo estes apelidados pelas demais professoras como os “Bendito fruto” do mini-curso. Os participantes encontravam-se entre uma faixa-etária de 25 a 45 anos, o que diversificou as relações e reações dos mesmos para com os jogos aplicados. Alguns como Marta Maria Gonçalves, formada em Letras-Inglês, estavam envolvidos em projetos da Secretária de Educação e desejavam aplicar o material apresentado no mini-curso em seus respectivos projetos. Outros já integrados ao cotidiano escolar guardavam em sua caixa de ferramentas cada jogo/exercício desenvolvido no mini-curso, para aplicar nas diversas situações presentes em sala de aula. Como um truque na manga para diversificar e conseqüentemente tornar mais interessante suas aulas.

Ao longo do mini-curso fomos conhecendo melhor as aspirações/objetivos dos professores com o curso. E, nos deparando com o inesperado ao mesmo tempo em que descobríamos as alterações e adaptações necessárias para o melhor andamento do projeto. Dessa forma o disposto neste capítulo, portanto, são as reflexões e os impactos sobre os momentos vivenciados na semana de aplicação do Mini-curso de Iniciação a Linguagem Cênica realizado entre os dias 14 e 18 de novembro de 2011 no município de Campos Belos - GO.

3.1_ Os Professores de Boa Vontade

Elaborado para atender ao público de professores de Artes atuantes na rede pública do município de Campos Belos - GO, o Mini-curso de Iniciação a Linguagem Cênica obteve maior participação dos professores da rede municipal de ensino, sendo somente uma professora inscrita atuante da rede estadual de ensino. Raimunda Santos é docente da Escola Estadual Polivalente Professora Antusa, formada em Geografia ministra aulas de Sociologia, Geografia e Educação Ambiental. A professora

¹² Durante o período de entrevista com os professores de Artes do município, estive na escola Joana Miranda, na qual o professor Nonato ministra suas aulas. Nosso encontro foi peculiar, pois fui eu a pessoa a comunicá-lo que era o novo professor de Artes da escola.

compareceu todos os dias do mini-curso acompanhada de sua filha Rayane Santos, participantes assíduas no mini-curso Rayane de oito anos e sua mãe são as responsáveis pelas fotos presentes neste capítulo. A pequena era para os professores o retorno imediato da possível reação dos alunos diante dos jogos. Segundo sua mãe, a menina pediu dispensa das aulas alegando ensinar tudo que aprenderia no curso a sua professora e aos colegas de classe.

O mini-curso contou ainda com a presença de duas docentes atuantes no povoado próximo a cidade, o pequeno Barreirão. Situado a poucos quilômetros do município, o povoado é parte integrante da região de Campos Belos, sendo sua educação subsidiada pela cidade. Os professores participantes do mini-curso atuam em sua maioria no município, contudo, devido à proximidade alguns ministram aulas nas cidades e povoados do entorno (Arraias - TO e Barreirão - GO).

Os docentes inscritos possuíam formação em Pedagogia, Letras, Matemática e alguns o antigo Magistério. A maioria dos educadores trabalhavam com o ensino fundamental e ministravam aulas de mais de uma disciplina, sendo elas: Inglês, Artes, Geografia, História, Sociologia, Educação Ambiental e Ensino Religioso. Diferentemente do esperado os inscritos eram em grande parte educadores que não estavam trabalhando com a disciplina de Artes. Entretanto, a justificativa para participação da maioria dos professores amparava-se justamente na probabilidade existente de lecionarem a disciplina e na identificação que alguns possuem com o Teatro.

Apesar do convite para participação no mini-curso ter sido enviado a todas as escolas da cidade, alguns dos professores de Artes entrevistados no início do processo alegaram não ter tido conhecimento do período de realização do mini-curso. Dos quase dez professores entrevistados somente três realizaram a inscrição e apenas dois concluíram o mini-curso, foram eles; Raimundo Nonato professor de Artes da Escola Municipal Joana Miranda e Sueli Santos atuante na Escola Municipal José Pereira da Silva.

As alterações realizadas na execução do mini-curso estabeleceram entre os objetivos traçados e a prática em vigor uma relação constante de adequação e flexibilização no que tange o conteúdo e sua forma de aplicação. A exemplo das seqüências didáticas presentes nos Cadernos de Reorientações Curriculares do Estado

de Goiás, eu tinha clareza de que as atividades propostas para o mini-curso não deveriam se tornar, como já disse, “receitas de bolo”, mas sim um conteúdo passível as modificações necessárias para dialogar com as condições reais de ensino.

Marta Maria Gonçalves foi um dos exemplos de compreensão das inúmeras possibilidades de aplicabilidade de um jogo/exercício. Em nosso último encontro, ao realizar seu plano de aula, ela acrescentou ao jogo de andar e equilibrar o espaço a presença de cadeiras, que de acordo com sua seqüência de aplicação serão retiradas à medida que os alunos exploram o espaço. Segundo Marta Maria, a presença das cadeiras pode facilitar o entendimento do espaço que possuem e do que precisam equilibrar, além de exigir outro nível de atenção dos alunos. De acordo com a professora, os discentes não poderão esbarrar nos colegas, tropeçar nas cadeiras e terão que andar em vários ritmos com a presença destes obstáculos no caminho.

Acostumados a buscarem formas de adaptação dos conteúdos para aplicação em sala de aula, possivelmente a dificuldade dos professores não esteja relacionada a adaptação/recriação dos jogos apresentados, mas provavelmente a sua realização tal como fora praticada no mini-curso.

Em nosso primeiro encontro contamos com a presença da Secretária de Educação do Município de Campos Belos, que esteve presente em ambas as turmas, nas quais realizou breve apresentação do mini-curso e dos participantes aos quais se referiu como “Professores de Boa Vontade”. Segundo Odiva, sem formação na área artística os professores do município trabalham movidos pelo sentimento de boa vontade, realizando o possível para ministrar da disciplina aos alunos.

Assim sendo, apresento neste momento os “Professores de Boa Vontade” que participaram do mini-curso:

Eliene Pereira, Raimundo Nonato, Vera Lúcia Leite, Fernanda Oliveira, Raimunda Santos, Doriane Tolentino, Rosália Teixeira, Leide Oliveira, Carmem Souza, Josenice Machado, Luciene Carmo, Iara Marques, Rosilane Santos, Sueli Santos, Maria Santos, Karoline Marques, Maria Josuene Ferreira, Ana Reis, Domingos Santos e Marta Maria Gonçalves. Professores participantes do mini-curso/ “PROFESSORES DE BOA VONTADE”.

Após realização das apresentações do elenco do mini-curso, a prática foi iniciada e o Teatro se tornou o pano de fundo de uma semana que buscou possibilitar o contato dos professores com a linguagem teatral e conhecer a realidade educacional vivenciada pelos docentes do município.



Figura 2: O primeiro contato!

3.2_ Arrastando Cadeiras: prática e troca de saberes

A semana de 14 a 18 de novembro de 2011 compreendeu o processo de aplicação do mini-curso de Iniciação a Linguagem Cênica para os professores de Artes da cidade de Campos Belos – GO, e reservou momentos surpreendentes e desafiadores durante sua realização. De acordo com o esboçado, o curso teria duração de 20 horas práticas, distribuídas em cinco encontros com quatro horas de duração cada. No entanto, em função do feriado da Proclamação da República (15 de Novembro), o curso contou com 16 horas presenciais e quatro destinadas à leitura do texto: *Teatro e Educação Formal* (PUPO, 2010).

A indicação da leitura adveio da relevante discussão que esta abarca, contendo reflexões sobre a situação atual de educadores de Artes do Estado de São Paulo, o texto de Pupo evidencia uma realidade presente não só nesta localidade, mas em demais capitais e interiores brasileiros. A autora discute desde problemas relacionados à má remuneração do profissional licenciado em Artes a questões que apontam a relevância do ensino de Teatro em sala de aula. Para tanto, cópias do texto foram distribuídas com

o objetivo de garantir a leitura do mesmo, sendo indicada também, a visita dos educadores ao blog criado na fase de elaboração do mini-curso.

Pedi aos professores que visitassem o blog a fim de firmar nosso contato através deste meio, bem como para instigá-los a postarem suas dúvidas e prestarem suas contribuições para o mesmo. Desde o início do processo de elaboração do mini-curso o meio foi visto com uma forma para dar continuidade ao contato e aos debates iniciados no mini-curso. O blog foi criado para ser uma fonte de pesquisa/troca entre o grupo de professores de Artes do município, o intuito era promover à medida que postassem suas dúvidas e dicas um banco de dados para uso comum destes educadores.

Os docentes inscritos nunca haviam participado de cursos de Teatro, sendo este, portanto, o primeiro. Suas expectativas puderam ser percebidas a partir da postura inicial adotada. Ao contrário da indicação dada na ficha de inscrição, os professores vieram vestidos de jeans e demais roupas inapropriadas para a prática de exercícios físicos. Sentados nas poucas cadeiras que restaram na sala eles esperavam a montagem de aparelhos para projeção do familiar *Power Point*. Os professores não previam que deveriam se apresentar aos colegas através de jogos, tampouco a exposição dos conteúdos a partir da prática destes. Dessa forma, a retirada dos sapatos foi uma espécie de retorno a infância e o contato direto com o chão uma conquista alcançada ao longo do encontro.

Em ambas as turmas, M – manhã e T – tarde, o primeiro momento foi semelhante, ocorreu à quebra da expectativa do *Power Point*. Ao invés de apresentação de slides os professores foram convidados a entrar na roda e se apresentarem uns aos outros a partir do jogo praticado por Augusto Boal, no qual cada jogador um por vez realiza um movimento simples e diz seu nome, em seguida todos da roda repetem o movimento e o nome da pessoa. Realizamos essa seqüência e acrescentamos ao jogo comandos como um som e uma qualidade/ um defeito/ uma expectativa em relação ao mini-curso e ao longo de seu desenvolvimento o jogo foi proporcionando o conhecimento dos educadores.

Ocorreu ainda no primeiro encontro um momento que cativou os professores. Deitados no chão e de olhos fechados eles passaram por um relaxamento¹³, no qual pedi

¹³ Este momento veio antes do jogo de apresentação dos nomes de Augusto Boal.

apenas que respirassem e se concentrassem na minha voz, a partir deste estado de calma contei-lhes as intenções e expectativas que possuía com relação ao mini-curso.

A assimilação dos exercícios/jogos por parte dos professores, sempre esteve entre as preocupações do mini-curso, desse modo determinados exercícios foram repetidos sob algumas variações para que os educadores pudessem apreender melhor o jogo e vislumbrar outras possibilidades de sua aplicação. No caso do relaxamento mencionado ao realizá-lo novamente no segundo encontro, acrescentei o trabalho com a percepção do corpo no espaço pedindo aos professores que percebessem as partes do corpo que tocavam o chão, bem como os cheiros do ambiente, os sons da rua, da sala e do próprio corpo.

Para estimulá-los corri entre eles a fim de causar barulho e emitir a impressão de movimento, joguei essências na sala para despertar outras sensações e aproximá-los ao máximo daquele momento, distanciando-os da lembrança da rotina e de seus demais afazeres. Encarando jornadas duplas e às vezes triplas de trabalho, os professores confessam serem raras as ocasiões em que encontram tempo para esse exercício. O jogo transformou-se num hábito entre os educadores da turma T, à medida que chegavam deitavam-se no chão e de olhos fechados esperavam pelos demais colegas. Encontraram no exercício uma forma de se distanciar do cansaço, ocasionado pelo trabalho realizado durante a manhã e se preparar para as atividades do mini-curso.

Durante a semana alguns professores se queixaram de cansaço para realização de determinados jogos, sem uma rotina de exercícios físicos demonstraram certa resistência a prática de algumas atividades. A pedagoga Vera Lúcia Leite, tinha um problema no joelho e o mencionou em nosso primeiro encontro justificando não realizar o exercício (alongamento) em função desta limitação. Expliquei tanto a Vera Lúcia quanto aos demais professores do mini-curso que o importante era a tentativa, estávamos¹⁴ nos preparando para um jogo e não para uma competição. Desse modo todos estavam aptos a participar e seriam aceitos no jogo com todas as suas possibilidades e dificuldades, esclareci ao grupo que tudo que realizaríamos daquele ponto em diante seria praticado respeitando o limite de cada um e sob o olhar atento de cada qual com o seu corpo e com o corpo do outro.

¹⁴ Incluo-me ao grupo por compreender que o professor deve ser o primeiro a se envolver e participar da proposta para que seus alunos se sintam estimulados e a vontade para entrar no jogo.

Vera esforçou-se durante todo o curso para realizar o seu máximo, alguns exercícios como a diagonal dos planos, na qual os professores cruzavam a sala alternando entre os planos baixo, médio e alto, ela não pode realizar. Contudo, sempre anotava em seu diário de bordo¹⁵, a seqüência dos exercícios. Seus momentos de observação renderam comentários significativos nas rodas de conversa. A partir do comportamento dos colegas começou a identificar outros potenciais nos exercícios, que segundo suas percepções trabalhavam não só espaço como também foco, concentração e demais habilidades. O cuidado com o corpo e a devida preparação para realização dos jogos marcou os professores, de forma que todos realizaram seus planejamentos de aula contemplando o espaço para o alongamento e aquecimento compreendendo, portanto a relevância que esta preparação possui na prática dos jogos.

Com formações diferentes e experiências diversas os jogos tiveram impactos distintos em cada professor. Nonato o “bendito fruto” da turma M, se encantou com a simplicidade do jogo da bolinha. Feito no primeiro encontro inicia-se jogando a bola para os demais na roda somente com a mão esquerda, depois só com a direita, em seguida o jogador recebe a bola com uma mão e passa com a outra e na próxima fase o jogador troca de lugar com a pessoa para quem jogou a bolinha.

No mini-curso trabalhamos as fases mencionadas, todavia o exercício completo envolve outros níveis. Diante da impossibilidade da prática de todo o jogo, passei a informar aos professores ao final dos encontros como poderiam dar continuidade aos jogos desenvolvidos no mini-curso. Essa preocupação e atenção começaram a se solidificar a cada encontro, percebi a necessidade de esclarecer que as potencialidades e habilidades desenvolvidas através dos exercícios eram alcançadas com a prática dos jogos aliada à progressão de suas fases. Dessa forma cada nível deveria ser inserido aos poucos de acordo com o domínio dos alunos de cada código, respeitando a processualidade no aprendizado do jogo.

Para as professoras do povoado Barreirão, os exercícios que mais despertaram sua atenção foram os jogos realizados em grupo. Segundo as educadoras o jogo dos nós, no qual todos dão as mãos, e um deles guia o trajeto que tem por finalidade o entrelace de todos, será útil para promover a interação/união de suas respectivas turmas. No jogo

¹⁵ O diário de bordo foi entregue aos professores ao final do primeiro encontro, cada docente recebeu um caderno no qual fora instruído a anotar todos os jogos, impressões e sensações vivenciadas durante o mini-curso.

em questão após entrelaçados, os jogadores devem em silêncio e trabalhando em grupo desfazer o enrolo e retornar a roda.

De acordo com as professoras, boa parte dos alunos moram em fazendas próximas ao povoado e são criados na maioria dos casos sem a presença constante de outras crianças. Segundo as educadoras, acostumados a brincarem sozinhos e com o convívio com adultos, os discentes chegam às escolas e provocam situações perturbadoras, causadas, segundo elas por ausência do trabalho em grupo. O momento de interação com outras crianças costuma ocorrer para esses alunos na escola, onde nem sempre lidam de forma pacífica com a intervenção/presença do outro. Dessa forma, a partir da aplicação dos jogos realizados durante o mini-curso, as professoras vislumbram desenvolver em seus alunos desde o primeiro dia de aula a consciência/noção de trabalho em grupo. A fim de alcançar um convívio com alunos participativos e respeitadores do espaço do outro.

A partir do trabalho realizado no final do segundo encontro com as capas de revistas e as histórias de contos de fadas, os professores começaram a visualizar de forma mais clara a aplicabilidade dos jogos na cena. No jogo das capas de revistas foi pedido aos educadores que simulassem capas conhecidas tais como; Veja, Boa Forma, TiTiTi e Capricho. Os professores puderam nesse jogo colocar em prática todo o processo que haviam praticado no decorrer deste encontro (planos diferentes, oposições complementares), sendo realizada através do jogo dos contos de fadas uma proposta concreta de como esses exercícios poderiam resultar em pequenas cenas, fato acontecido ao representarem através de seis fotografias (cenas estáticas) uma história de conto de fadas conhecida.



Figura 3: Cinderela e Chapeuzinho vermelho em 6 fotos!

No terceiro encontro trabalhamos com Foco/ Concentração, os jogos utilizados foram retirados, também, do grupo de extensão *Teatro de Mentira: composição dramática em farsa contemporânea*. Através do jogo da parada de ônibus, os professores não só representaram uma cena para um público colocando-se no papel de atores como experienciaram minimamente a construção de personagem e enredo para a situação proposta. No jogo da parada de ônibus os professores sem combinação prévia se dirigiam ao espaço de cena, no qual deveriam simular a espera por um ônibus e sob esta circunstância os demais colegas entravam em cena e estabeleciam diálogos com a situação proposta. O jogo foi muito bem recebido pelos docentes.

À medida que os encontros foram acontecendo, os professores identificavam nos jogos possibilidades para aplicação em seu trabalho no dia-a-dia escolar. Segundo os educadores o que mais impressionava nas atividades desenvolvidas eram a simplicidade de seus materiais. De acordo com Nonato com o uso de uma bolinha a aula ganhou em dinâmica e inovação. Para Rosilaine Santos já não podiam mais colocar a culpa na falta de material, afinal havia percebido que precisava de pouco para realizar os jogos praticados no mini-curso. Contudo, os professores reforçaram que a diferença nesse caso está no conhecimento da área em que se atua. De acordo com os educadores, sobre suas respectivas áreas de conhecimento podem propor e vislumbrar possibilidades para incrementar a aula, mas em relação às Artes/Teatro encontram-se no escuro sem o domínio do conteúdo.

Durante a aplicação do mini-curso foi pedido aos professores que trouxessem jogos/exercícios que trabalhassem o tema do encontro em questão, mas poucos professores apresentaram propostas. A maioria disse não conhecer jogos, entretanto, quando começávamos a conversar sobre o que tínhamos feito no dia apontavam inúmeras variações dos exercícios propostos. Desde o princípio, o propósito para realização do mini-curso era de que este fosse um espaço para troca de saberes. Todavia, até os primeiros momentos a sala ainda se mantinha com uma fala maior da Ana, que mesmo pedindo a participação de todos, ora ou outra percebia-se falando mais que seus demais colegas. Nas rodas de conversa eram onde de fato se aproximavam mais, e compartilhavam suas experiências, dúvidas e a realidade da sala de aula.

No quarto e último encontro cada professor realizou um planejamento de aula de 55 minutos, empregando o conteúdo praticado durante a semana. E, munidos de seus diários de bordo, utilizaram os cadernos para consulta dos jogos realizados. Os livros usados para seleção dos conteúdos do mini-curso também foram levados para a sala, os professores puderam folhear, anotar as referências e utilizá-los na realização de seus planejamentos. Alguns como a professora Vera Lúcia aproveitaram o momento para trabalhar em algo que já estavam desenvolvendo em sala de aula, a professora que trabalhava com seus alunos temáticas relacionadas a semana da consciência negra aproveitou os exercícios para introduzir a leitura que faria do livro – *Menina bonita do Laço de Fita* de Ana Maria Machado.

A pedagoga Ana Serafim, cuidou de realizar o planejamento para sua primeira aula do próximo ano. Aninha desejava utilizar os exercícios de grupos feitos no primeiro encontro para demonstrar aos alunos a importância do trabalho em grupo e do respeito aos demais colegas. A maior parte dos planejamentos foram realizados em função das disciplinas que cada professor ministrava, somente Vera Lúcia realizou um planejamento todo voltado para o Teatro, os demais educadores utilizaram os jogos para inovar/ diversificar suas aulas.



Figura 4: O planejamento de aula!

Infelizmente o uso do blog para contatos posteriores não se concretizou, os professores acessaram o blog, no entanto isto não se tornou um hábito. As trocas de experiências e os debates almejados não ocorreram. Acredito que a falta de acesso ao blog esteja relacionada a mudança do público alvo, para os professores entrevistados antes da realização do mini-curso, a internet é uma ferramenta muito utilizada para acessar os conteúdos relacionados as Artes. Contudo, o mesmo não ocorre com os professores que participaram do mini-curso, a maioria dos profissionais não atua na área de Artes e recorre ao livro didático para preparação de suas aulas.

3.3_ Uma viagem além da zona de conforto

A participação no mini-curso foi um desafio proposto não só aos professores do município, mas também a mim, que diante da fase de conclusão do curso de Artes Cênicas, imprimi no projeto a oportunidade para enfim efetivar o ato da docência.

A carga horária do mini-curso foi diretamente ligada às horas destinadas ao estágio exigido na disciplina – Estágio Supervisionado em Artes Cênicas II. Dessa forma foi um grande ganho estagiar em meio aqueles que lidam com a situação dia a dia. Os relatos dos professores durante o processo, bem como seus conselhos sobre o que funciona ou merece cuidado ao ser realizado em sala de aula, não serão esquecidos.

A presença de duas turmas implicou em uma carga horária de oito horas diárias trabalhadas, o que resultou em 40 horas semanais. Vivenciei durante o processo a rotina de trabalho da maioria dos professores com os quais estava tendo contato, porém não sob as mesmas condições. Nossas turmas possuíam apenas 11 alunos em cada, dava aulas para duas turmas por dia de uma única disciplina. No entanto os “Professores de Boa Vontade” ministram aulas de pelo menos duas disciplinas diferentes cada um, para mais de 35 alunos em sala e em mais de oito turmas por dia. Alguns ainda trabalham em escolas diferentes o que implica um deslocamento de uma localidade a outra.

Programar uma aula, refazer planejamentos e improvisar soluções foram experiências vividas durante o mini-curso. As turmas M - manhã e T – tarde geraram um espaço que possibilitou o retorno para o trabalho. A partir de determinados comportamentos da turma M era possível (re)pensar soluções para que o mesmo não viesse a ocorrer com a turma T.

Ao realizar o jogo das capas de revistas com os professores da manhã, eles foram separados em grupos de forma aleatória, porém ao término deste jogo para início do próximo pedi aos educadores que mudassem de grupo procurando trabalhar com pessoas que ainda não tivessem jogado. Nesse momento, uma professora se recusou a sair do grupo que se encontrava alegando possuir um bom entrosamento com o grupo em que estava. Esta foi a primeira vez no mini-curso que um professor se recusou a participar do exercício.

A situação foi resolvida com a escolha do grupo de forma aleatória novamente, pedi aos professores que andassem pelo espaço e depois que congelassem. Na disposição que pararam formaram-se os grupos. A professora ainda ficou um pouco nervosa, pois propositadamente não a deixei no mesmo grupo, no entanto conversei com ela e utilizei como exemplo seus alunos para motivá-la a participar. Afinal se um aluno optasse por trabalhar sempre com as mesmas pessoas formando as famosas panelinhas que facilitam os preconceitos e exclusões dentro da sala de aula, e ela no seu papel de educadora deveria evitar essas situações. Era o que eu queria demonstrar com essa iniciativa, promover uma oportunidade para trabalharem com pessoas diferentes e aprenderem coisas novas a partir do trabalho em grupo. Após a conversa a docente concordou em participar do jogo e apesar do ocorrido se contagiou com a brincadeira, tudo acabou bem.

Possivelmente a professora em questão não saiba do impacto que seu comportamento obteve na condução deste jogo, mas naquele segundo dia ao aplicar o mesmo exercício para a turma T, o preparo para a formação dos grupos foi alterado em função do retorno obtido com a turma da manhã. As singularidades das pessoas, das turmas, do clima e do espaço tornaram cada dia um novo desafio.

Felizmente possuía um espaço entre uma turma e outra para (re)avaliar a aplicação de cada jogo, no entanto penso em como funciona esse processo de reflexão sobre a prática para professores que trabalham com mais de oito turmas diárias, inúmeros diários para preencher, provas para corrigir e uma vida pessoal para gerir. Durante o processo de entrevista realizado antes da aplicação do mini-curso, a professora Rosangela me disse, novamente, que fiz uma boa escolha em trabalhar no município, pois iria me proporcionar um encontro com a realidade.

No decorrer do mini-curso procurei colocar em prática o que havia lido nos livros e defendido nos debates em sala de aula. Percebi com a prática a necessidade da preocupação ressaltada por Viola Spolin (2010), com a preparação do grupo para cada exercício. A relevância dada a cada aquecimento, e o alongamento realizado com os professores indicava o olhar preocupado que o docente deveria possuir em sala de aula ao realizar os exercícios com seus alunos. Pois, atento as limitações de cada discente o educador deve incentivá-los a superar seus limites e prepará-los para isso.

Confirmei ainda a importância de um conteúdo programático cuja seqüência colabore para a percepção/entendimento dos participantes dos objetivos e desdobramentos do jogo. O conhecimento dos conteúdos a serem trabalhados durante cada dia do mini-curso possibilitou que os professores identificassem com maior facilidade as habilidades e competências desenvolvidas nos exercícios.

Procurei perceber no desenvolvimento do mini-curso as singularidades de cada professor-aluno, delineando cada turma e seus indivíduos. Para o professor Domingos, levei durante um exercício uma música de forró para aquecermos, pois este comentou durante a hora do lanche seu gosto musical. Já a Aninha no último dia, trouxe uma lista de músicas de uma cantora portuguesa que segundo ela possuía um estilo musical que eu ia gostar. Fomos conquistando aos poucos nossa forma de trocar gostos, experiências e referências, no final, a conversa era de colega para colega.



Figura 5: O processo!

Considerações Finais

O mini-curso de Iniciação a Linguagem Cênica para os Professores de Artes da cidade de Campos Belos/GO, foco deste trabalho, partiu de entrevistas realizadas com os docentes de Artes da rede pública do município para o conhecimento e maior compreensão da real situação do ensino da disciplina na cidade. Semelhante aos demais estados, municípios e capitais brasileiras, Campos Belos possui professores sem formação na área artística ministrando a disciplina em suas salas de aula. Assim sendo, foi a partir desta realidade e dos problemas gerados pela falta de domínio do conteúdo que foi elaborada a proposta deste mini-curso.

Ao contrário do que se esperava, o projeto obteve maior participação dos professores que não atuavam na área de Artes, logo a aplicação dos conteúdos do mini-curso ocorreu nas respectivas disciplinas/projetos de cada professor. Alguns chegaram a experimentar os jogos com seus alunos durante o mini-curso, outros mencionaram posteriormente, via *e-mail*, a utilização em sala dos conteúdos praticados. Assim sendo alegro-me em concluir que o propósito multiplicador do mini-curso foi alcançado, posto que, mesmo em disciplinas diversas os professores praticaram os conteúdos do curso com seus discentes.

Cansados da improvisação para lidar com a falta de domínio do conteúdo, o mini-curso foi para muitos docentes uma tentativa para buscar soluções para essas

lacunas. Afinal, ainda que não estejam no exercício da disciplina de Artes é de conhecimento dos professores que a qualquer momento esta necessidade possa ocorrer.

A partir do mini-curso os educadores entraram em contato com jogos que, acredito, facilitarão o trabalho e introdução das seqüências didáticas contidas nos Cadernos de Reorientações Curriculares disponibilizados pelo estado. O material, que propõe trabalhos com: Teatro de Bonecos, *Commédia Dell'Arte*, Teatro Físico e Teatro do Oprimido, agrupado aos conteúdos do mini-curso gera possibilidades para a prática do ensino de Teatro nas escolas do município.

Depois de conhecer os Cadernos, e após conversar com os professores de Artes do município, percebi que a falta de utilização desse material em sala de aula decorre, na maioria dos casos, da carência de experiência prática dos professores com a linguagem teatral. Nesse caso, o fornecimento dos Cadernos sem que se inclua uma vivência de seus conteúdos demonstrou ser insuficiente. Assim sendo, espero que a experiência do mini-curso possa auxiliá-los na compreensão e prática das seqüências didáticas disponibilizadas nos Cadernos. Afinal, o Teatro, diferentemente de algumas áreas do conhecimento, não se aprende somente com a leitura dos livros.

O período de realização do mini-curso proporcionou o compartilhamento de momentos que deixaram saudades. Consideramos a despedida como um até breve, pois a iniciativa, como o próprio nome já indica, se consistiu em um passo diante de inúmeros que ainda carecem ser dados. Perante nossa curta, porém intensa, experiência ficam vários desejos, entre eles, ministrar o curso para os professores que não puderam participar.

Para os próximos projetos ficam as dicas compartilhadas pelos meus novos colegas: o curso deve possuir uma carga horária maior, o tempo de cada encontro precisa diminuir para não tornar a experiência cansativa; as impressões devem ser registradas em um diário de bordo coletivo, no qual cada um escreva a cada dia, e durante o processo os professores devem aplicar os jogos com seus respectivos alunos para que junto aos demais colegas possam partilhar a experiência.

O mini-curso de Iniciação a Linguagem Cênica foi o primeiro realizado na cidade envolvendo Arte/Teatro e não pretendo que seja uma novidade passageira no

município. O objetivo é aproximar não só os professores, mas envolver a comunidade campo-belense na prática teatral.

“Um passo a frente e já não estaremos mais no mesmo lugar”.

Chico Science.

Referências Bibliográficas

BARBA, Eugenio. *A Canoa de Papel: tratado de antropologia teatral*. Tradução: Patrícia Alves Braga. 2. ed. Brasília: Teatro Caleidoscópio, 2009.

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não-atores*. 14. ed. (rev. e amp.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. *Orientações curriculares para o ensino médio – linguagens, códigos e tecnologias – conhecimentos de arte*. Brasília: MEC/SEB, 2006.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais – III e IV Ciclos/arte*. Brasília: MEC/SEB, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte / Ensino Fundamental*. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, LEI n° 9.394. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, de 23 de dezembro de 1996.

DESGRANGES, Flávio. *A pedagogia do teatro: provocações e dialogismo*. 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec: Edições Mandacaru, 2011.

GLEDSON, John. “Alguma Poesia” In: *Reunião – 10 livros de poesia. Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades, 1981, pp. 57-88

GOIÁS (Estado). Secretaria de Estado da Educação. *Reorientação Curricular em debate - Sequências didáticas - Convite à ação: Teatro: caderno 7.2.4*. – Goiânia: Poligráfica, 2010.

_____. *Reorientação Curricular em debate - Sequências didáticas - Convite à ação - Teatro: caderno 6.2.4*. – Goiânia, 2009. Disponível em: < www.cirandadaarte.com.br/site2/anexos/Gravacao_Cadernos/CADERNO_6_2_4_Teatro.pdf > Acessado 22/03/2012.

_____. *Reorientação Curricular do 6º ao 9º ano: Currículo em Debate: Direito à Educação – Desafio da Qualidade*. Goiânia, 2009. Disponível em: < www.cirandadaarte.com.br/site2/anexos/Gravacao_Cadernos/CADERNO_1.pdf >. Acessado em 23/03/2012.

_____. *Reorientação Curricular do 6º ao 9º ano: Currículo em Debate: Currículos e Práticas Culturais – Áreas do Conhecimento*. Goiânia, 2009. Disponível em: < www.cirandadaarte.com.br/site2/anexos/Gravacao_Cadernos/CADERNO_3.pdf >. Acessado em 24/03/2012.

_____. *Reorientação Curricular do 6º ao 9º ano: Currículo em Debate: Relatos de Práticas Pedagógicas*. Goiânia, 2009. Disponível em: < www.cirandadaarte.com.br/site2/anexos/Gravacao_Cadernos/CADERNO_4.pdf >. Acessado em 24/03/2012.

_____. *Correção de Fluxo de Idade/ Ano Escolar do Ensino Fundamental – Matrizes Curriculares e Seqüências Didáticas*. Goiânia, 2009. Disponível em: < www.cirandadaarte.com.br/site2/anexos/Gravacao_Cadernos/CADERNO_5_1.pdf >. Acessado em 27/03/2012.

HARTMANN, Luciana; FERREIRA, Taís. Módulo 16: História da arte-educação para licenciatura em teatro. 1. ed. Brasília, Estação Gráfica Ltda, 2010.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. *Metodologia do ensino de teatro*. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

PUPO, Maria Lucia. *Teatro e Educação Formal*. IN. CORADESQUI, Glauber (org). *Teatro na escola – experiências e olhares*. Brasília: Fundação Athos Bulcão, 2010.

SANTANA, Arão Paranaguá. *Teatro e formação de professores*. São Luís/ MA: Edufma, 2009.

SANTANA, Arão Paranaguá; VELOSO, Graça. *Módulo 14: História da Arte-Educação*. Brasília: Artes Gráficas e Editora Pontual Ltda, 2009.

SILVA, Samuel Aurelino da e XAVIER, Odiva Silva. *Campos Belos: sua história sua gente*. Brasília: Editora Ser, 2004.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor*. Tradução: Ingrid Dormien Koudela. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

URDIMENTO, Revista de Estudos em Artes Cênicas/ Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Teatro. – Vol. 1 n°. 10 (dez, 2008) - Florianópolis: UDESC/CEART.

Links acessados:

Site do Centro de Estudo e Pesquisa “Ciranda da Arte”. Disponível em: <
<http://cirandadaarte.com.br/site2/>>. Acessado em 20/03/2012.

Projeto Político Pedagógico – “Ciranda da Arte”. Disponível em:
<<http://www.cirandadaarte.com.br/site2/anexos/ppp2012.pdf>> Acessado em
20/03/2012.

Site oficial da cidade de Campos Belos. Disponível em: <
<http://www.camposbelos.go.gov.br/portal1/intro.asp?ildMun=100152055>>. Acessado em
30/03/2012.

Estimativas populacionais do Estado de Goiás. Disponível em: <
ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_Projecoes_Populacao/Estimativas_2012/estimativa_2012_municipios.pdf>. Acessado em 01/04/2012.

Página eletrônica da Universidade Estadual de Goiás. Disponível em: <
<http://www.ueg.br/conteudo/627>>. Acessado em 01/04/2012.

Blog do Mini-curso de Iniciação a Linguagem Cênica. Disponível em:
<<http://cbpensandoemteatro.blogspot.com.br/>> Acessado em 08/09/2012.

Apêndices

ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES

Nome?

Idade?

Naturalidade?

Qual a formação? Em que instituição?

Por que decidiu se tornar professor (a) de Arte/ Teatro?

Quanto tempo de docência?

Breve relato de sua experiência docente:

- experiência em escolas (ensino formal);
- experiência com ensino informal;
- que disciplinas já deram aula;
- quanto tempo leciona nessa escola.

O que você mais gosta em sua profissão?

Quais as maiores dificuldades que enfrenta?

O que gostaria de ver melhorado? Teria propostas de melhorias no ensino de Arte/Teatro para a sua escola?

Você tem vontade de trabalhar com Teatro? O que impede? Quais as dificuldades encontradas?

Você gostaria de participar de um curso/oficina de Teatro?

Gostaria de acrescentar algum comentário?

PLANEJAMENTO DE AULA

Curso de Iniciação a Linguagem Cênica

Objetivo geral do curso – Discutir ensino de teatro e possibilitar a prática da linguagem cênica.

Encontro N° 1 – Conhecendo o Grupo:

- Apresentação do curso;
- Aquecimento do corpo em roda;
- Jogo de desfazer os nós sem soltar as mão;
- Jogo dos nomes;
- Equilibrando o espaço
- Jogo dos 5 pontos positivos e 5 pontos a melhorar em sua práxis em sala de aula;
- Conversa sobre o texto – *Teatro e Educação Formal* de Pupo / Orientações Curriculares para o Ensino de Artes no Estado de Goiás;
- (...)
- Finalização – distribuição dos Diários de Bordos.

Encontro N° 2 – Trabalhando Corpo e Espaço:

- Despertando os sentidos (deitados no chão de olhos fechados);
- Alongamento/Aquecimento das articulações;
- – Andar no mesmo Ritmo / Movimentos de expansão e recolhimento / equilíbrio de espaço;
- Cruzando o espaço I – Planos / Expressão “caretas” / Oposições Complementares;
- Jogo da máquina – Indústria / Amor / Ódio;
- Cruzando a sala II –Aperto de mão / Vontades opostas;
- Intervalo -
- - Jogo do basquete pelo espaço;
- (...)
- Capa de revista
- - Veja / Corpo / Ti ti ti / Isto é;
- Cenas estáticas - contos de fadas contados em fotografias corporais;
- Roda de conversa;
- Finalização – pequeno relaxamento.

Encontro N° 3 – Trabalhando Foco/Concentração:

- Aquecimento básico /Alongamento;
- Despertando o corpo - Espreguiçar / Escuta do corpo / Escuta do ambiente;
- Estados de tensão - Exaustão / Relaxado / Prontidão / Desconfiado...
- Foco - andar em direção a diferentes pontos / Andar guiado por partes do corpo / Variações rítmicas /Direção / Estados;
- Andar guiado pela mão do outro;
- Jogo da parada de ônibus;
- Álbum de Família - com tipos;
- Intervalo
- Roda dos números – concentração;
- Roda do oito – duração 10 minutos.
- (...)
- Coreografia - Variações rítmicas / Intenção / Estado;
- Cenas estáticas
- Aplicação dos exercícios propostos pelos professores
- Roda de conversa - Análise dos jogos levados pelos professores / Dificuldades do dia / Como aplicar os exercícios em sala de aula / Contribuições dos jogos / Construção de personagens / dúvidas.
- Finalização – Escolha de mais dois professores

Encontro N° 4: O plano de aula

Neste encontro os professores terão o tempo da aula para elaborar um plano de aula a partir dos jogos e discussões realizados durante o período do curso.

No final terão seus planos de aula compartilhados a fim de constituírem uma apostila com planos de aula para suas próximas aulas.

O quinto encontro será para que os professores tirem suas dúvidas quanto a aplicação dos exercícios e proponham variações de acordo com suas necessidades em sala de aula.

AVALIAÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE O MINI-CURSO:

Campos Belos 18/11/11

Que pena que durou tão pouco.
O curso foi tão satisfatório que
fiquei com um gostinho de quero
mais. Apreendi muito e espero poder
passar para os meus "pegueninos"
com a mesma competência e
responsabilidade que você teve pa-
ra conosco.

Eu como cursista do curso de
artes cênicas só tenho a agrade-
cer por você ter proporcionado
este belo momento.

Karoline AK Marques - Pedagoga
Profª de Educação Infantil.

Campos Belos, 18 de novembro de 2011

Este curso me levou a conhecer um pouco sobre as artes cênicas me fez abrir os olhos para uma porção de movimentos corporais e faciais, jogos simples que é possivelmente utilizável em sala de aula que não requer materiais de alto custo financeiro como também o teatro corporal sem utilizar peças cênicas o que muitas vezes é uma desculpa utilizada por nós professores, enfim um curso enriquecedor que muito me fez aprender e soltar-me para movimentos que sempre achei impossível de fazer ou seja por timidez ou falta de coragem mesmo.

Resilane Lima pedagoga prof. do 5º ano
resilane.lima@letmail.com

Avaliação do curso

-> Pontos Positivos

-> Dinâmica

• Aulas criativas

• Ótima interação entre o grupo e tutora

• Participação ativa de todos;

• Pontos Negativos (ou seja a melhorias)

-> No próximo curso tentar planejar um horário não tão apertado, ou seja flexibilizar para menos horas diárias e que o próximo a rede municipal estende a demais professores.